

AS LINGUAGENS EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO VERA



Compor e decompor

AS LINGUAGENS EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO VERA

EXPOSIÇÃO-ATELIÊ DA EDUCAÇÃO INFANTIL – 2022

Sumário

- 6 Apresentação
- 8 Céu e terra, afetos do corpo
- 11 Olha esse céu!
- 15 Dança. Corpo. Movimento.
- **20** Ouvir imagens, ver sons
- 23 "Eu posso transformar esse som em um sapo, em uma escavadeira, no que minha imaginação quiser"
- **35** Gestos que desenham o som
- **45** Cine concerto: uma narrativa sonora
- 50 Mosaicos: memórias e retratos
- **53** Retratos e autorretratos
- 57 Retrato: do latim retrahere, copiar
- **67** "Minha mãe é o começo"

- 70 Mundos imaginados: personagens e narrativas
- 73 "Eu não tenho medo, mas me fiz assustado na história"
- 87 Um ninho de muitos passarinhos
- **97** Espaços habitados e caminhos inventados
- 103 Metade gente, metade bicho
- 112 Sentidos da cor
- 115 Marcas: cores e texturas
- **127** A transformação pela cor: quais sentidos as cores ativam na experiência das crianças?
- 132 Crianças e suas naturezas: corpo que vê, olho que sente
- 135 Cotidianidades e naturezas
- 147 "Eu ainda não conhecia ela assim"

Compor e decompor

As aprendizagens da Educação Infantil do Vera, em 2022, foram marcadas pelas constantes investigações dos educadores acerca da integração curricular que acontece no dia a dia da Escola. As intenções dos professores se articulam em diferentes campos de experiências, com várias linguagens e conhecimentos, dentro de valores e princípios que estruturam nosso projeto.

As experiências das crianças, nos ambientes organizados pelos professores, costuram lindamente essas intencionalidades e tecem caminhos únicos, marcados pelo pensamento poético e inventivo tão próprio da infância.

Foi com muita alegria que organizamos alguns fragmentos desses processos de aprendizagens e os compartilhamos com toda a comunidade, em 5 de novembro 2022, na Exposição-Ateliê: "Compor e decompor – As linguagens em movimento na Educação Infantil".

Desenhos, pinturas, modelagens, danças, falas, gestos e todo o potencial criativo das crianças vieram à tona e se tornaram visíveis para o mundo adulto sensível a essa criação. Parte dos percursos de aprendizagens estava ali, na exposição; outra parte está no dia a dia da Escola, que, vale lembrar, sempre carrega a força da investigação e da inventividade da nossa comunidade de aprendizagem: crianças e adultos.

Recolher esse material num livro é sempre um grande desafio e, no caso desta produção, tornou-se maior ainda, pois a polissensorialidade que marca as linguagens nem sempre fica perceptível numa publicação. Mas, aqui, está nosso convite para que se deixem levar pelas documentações pedagógicas organizadas neste título e sintam a beleza das aprendizagens.

Boa leitura!

Fabiana Meirelles

GRUPO 2 Mariana Isnard Carneiro, Samuel Oliveira e Deise Bernardo EDUCAÇÃO CORPORAL Elizabeth Menezes da Silva e Priscila Basile

Céu e terra, afetos do corpo

Os olhos e corpos inaugurais das crianças se afetam na vida ordinária com muita expressividade, diferentemente de corpos e olhos experientes e acostumados.

O que eles veem que quebram estereótipos? O que eles percebem que geram curiosidades?

A cor do céu, a temperatura do chão, os brinquedos que voam, a brisa gelada, as texturas — são todas percepções refletidas em movimentos corporais, que nos comunicam suas observações, conexões, expressões: aprendizagens!

Nesta exposição, o foco está nos corpos que dançam, brincam, relatam, integram linguagens e comunicam. Olhos e



corpos de adultos porosos a esses afetos também são acionados, escutam e devolvem desafios e novos sentidos.

Entrem e se deixem levar pelo cenário construído e pelas documentações dos percursos dos grupos.



G2

PROFESSORES Mariana Isnard Samuel Oliveira

AUXILIAR DE GRUPO Deise Bernardo

ATELIERISTA

Danielle Silva

ORIENTADORA Carolina Kerr

Olha esse céu!

Céus



https://bit.ly/30Tnxm8

Olha esse céu!



https://bit.ly/30x9Es8

CÉU E TERRA, AFETOS DO CORPO





Educação Corporal

PROFESSORAS Elizabeth Menezes Priscila Basile

Dança. Corpo. Movimento.

Nas aulas de Educa (Educação Corporal), as crianças são convidadas e provocadas a conhecerem e descobrirem as possibilidades expressivas do corpo no espaço, com referência da cultura popular brasileira e da pesquisa e produção da cultura da infância.

Na pesquisa do movimento no ciclo do céu, na época de vento, durante os meses de agosto e setembro, as crianças se

CÉU E TERRA, AFETOS DO CORPO



deslocaram pelo espaço da Escola, com alguns brinquedos voadores, como pipa, peteca, cata-vento e barangandão.

Os pés, as mãos e partes do corpo em contato com o chão criaram caminhos com os brinquedos da **terra**, como pião, bambolê, bola e corda.

Em nossos encontros, ao integrarmos a música com a dança, também compusemos com a linguagem visual na relação das crianças com os brinquedos — *Como meu corpo se movimenta*, se expressa e dança, dialogando com o brinquedo?

Na brincadeira, o corpo e a peteca conquistam espaço em composição lúdica e expressiva. Com desafios de perma-

nência entre a terra e o céu, a peteca lançada cai, e o corpo, invertendo os apoios, se lança e enxerga o mundo de ponta-cabeça.

Essas perspectivas promovem um jogo de pôr e tirar, alinhar e espalhar, compor e decompor possibilidades de comunicar alegria, prazer e aprendizados.

A corda promove desenhos. Há a escolha da brincadeira de dançar sobre um desenho tridimensional.

E poder transformá-lo em outro. A dinâmica se deu pelo efêmero.

Eu estava no meio do desenho. Laura

A gente tentava entrar nos buraquinhos, com as mãos e os pés. Julia

Fiz um desenho de montanha e pulei. Eu pulava e, depois, dava um giro. Meu pulo com giro na montanha. **Digo**

O desenho estava parecendo um tubarão. Felipe

Eu vi um coelho e uma tartaruga. Nina

Um mundo conhecido no imaginário criativo dos grupos.

CÉU E TERRA, AFETOS DO CORPO





GRUPO 2 Ana Paula Carrascosa, Nina Craveiro e Deise Bernardo GRUPO 2 Juliana Guimarães, Ana Paula Paz e Aldenise de Menezes Rocha GRUPO 4 Ani Maruchi, Thaisy Lomenso e Aninha Moreira

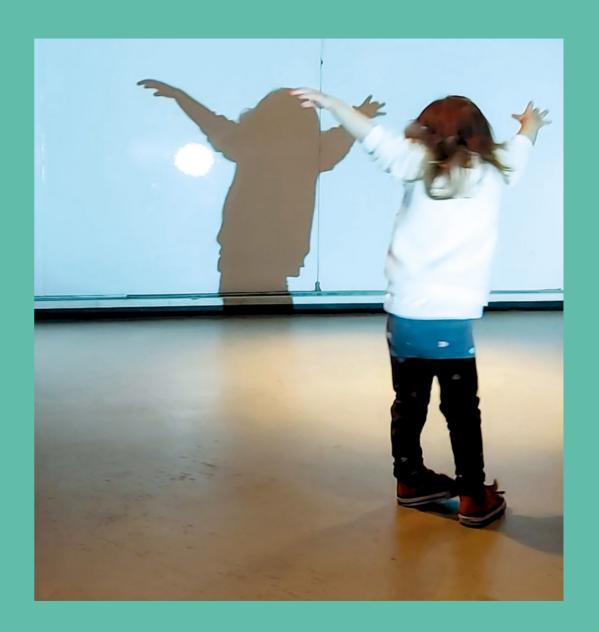
Ouvir imagens, ver sons

O gesto da criança, quando se movimenta na música, torna-se um desenho no espaço. Os **ritmos** dialogam com o coração.

Os sons que habitam a **paisagem** da Escola acionam um imaginário cheio de afeto e sentidos. E narrativas são inventadas para dizerem sobre esses lugares.

Uma imagem aciona a criação de sons que contam uma história. O momento para cada instrumento, seu **timbre** e a **intensidade** em que é tocado integram uma orquestra que narra o que se vê.

A **linguagem musical** se entrelaça com outras quando a criança se expressa.



O que você vê quando ouve?

O que você ouve quando vê?



G2

PROFESSORAS Ana Paula Carrascosa Nina Craveiro

AUXILIAR DE GRUPO Deise Bernardo

ATELIERISTA

Danielle Silva

ORIENTADORA Carolina Kerr

"Eu posso transformar esse som em um sapo, em uma escavadeira, no que minha imaginação quiser"

"Vamos conhecer a Escola?"

Ao ouvirmos essa pergunta, em um primeiro momento, visualizamos espaços físicos, detalhes das composições desse ambiente, cores e pessoas que o habitam.

"O que tem lá no alto da Escola?", foi uma questão do grupo respondida por meio da fabulação e da brincadeira. Nossa intenção foi possibilitar que as **crianças se relacionassem com os diferentes espaços da Escola a partir de seus sons, inventando e criando novos sentidos para eles**.

Eu senti que tem blocos caindo! Joaquim

Tem um lobo lá em cima, correndo! Lorena Mello

Ixi, é o lobo Paulete! Gabriela

Assim, não estamos falando só de conhecer, perceber e tomar consciência ou ficar sabendo sobre algo, estamos falando, também, de **abrir espaço para a invenção**, para uma construção de sentido subjetiva.

Os sons dos espaços da Escola foram captados pelas professoras e compartilhados com o grupo em outros contextos, transformando-se em imagens sonoras — uma experiência nova.

As narrativas expressas pela fala, gesto e corpo comunicaram e revelaram os sentimentos, pensamentos e a fabulação despertados por esse desconhecido.

Eu acho que o lobo tá aliii! Fernando

As minhocas continuam lá na água do banheiro! Joana

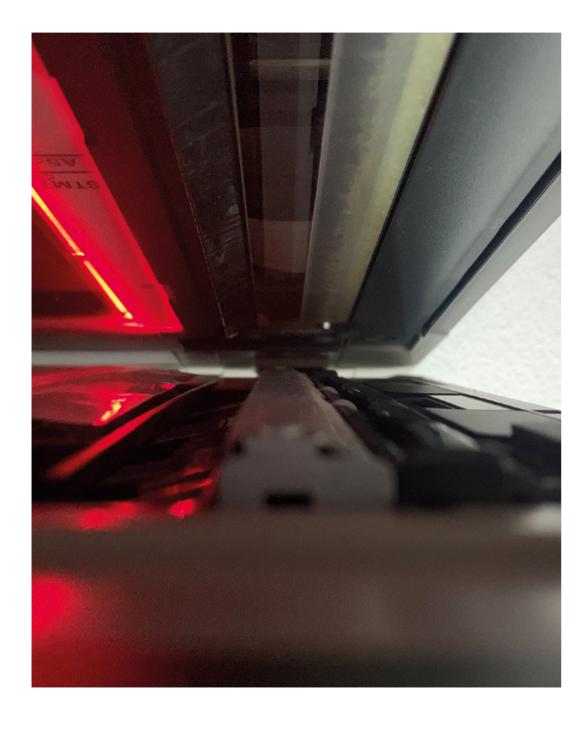
É um mooonstro! Guido

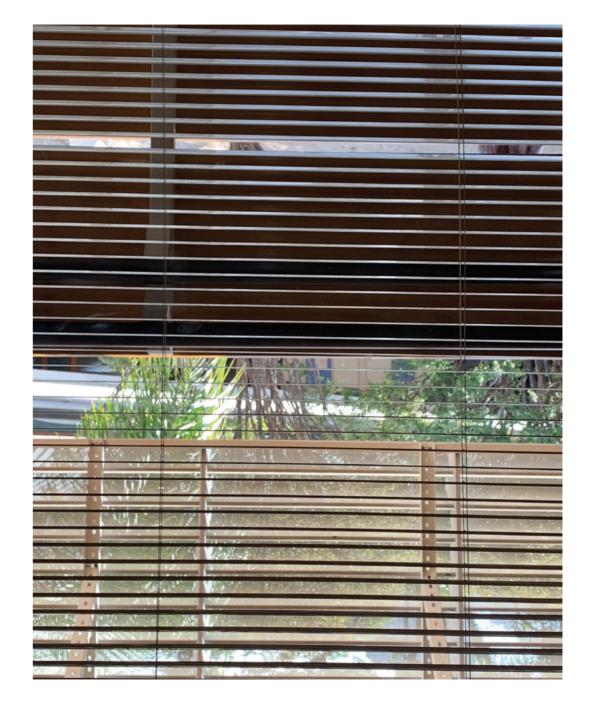
Eu quis colocar meu capuz porque esse som era barulhento e me dava medo! Lorena Fréme

O som que Martina ouve se transforma em uma imagem sonora potente para a criação de narrativas sobre dinossauros. Mas o desenho não dá conta de toda a emoção que a história carrega, e ela precisa do corpo todo, dos gestos, das caretas e dos novos sons para dar vida a esse animal.

Enquanto ouve o som, Martina desenha o dinossauro que imagina. Estica seus braços para nos explicar o tamanho do dinossauro. Para finalizar: uma careta e um grunhido "Grrrrrr".

Com a intenção de **integrar** mais **linguagens** a esse contexto, para que as crianças continuassem a expressar seus pensa-





mentos, oferecemos, além dos fones, alguns papéis e caneta preta. Por meio do desenho, além de se relacionarem com as nuances e qualidades do som, as crianças narram suas ilustrações. Ao desenharem, criam histórias sobre os espaços e seus elementos.

É um rato mexendo na água da mangueira! Kenzo
É lá do alto da Escola. Tem um vento, um ventão! Artur
A máquina de lavar roupa e tem um celular! Beatriz
A água está fazendo xixi! Guilherme

O mesmo som suscita diferentes narrativas O uso do fone oferece a possibilidade de se atentar ao som, sem ruídos externos

Enquanto desenha, Maria marca o papel, imprimindo força, movimentando o corpo e seguindo o ritmo do som. Para expressar seu pensamento, integra a oralidade, **nomeando o sentimento que o som desperta nela**.

Ao narrar, suas mãos pressionam o fone, o som parece incomodá-la. Com a caneta, faz alguns riscos mais intensos e outros mais suaves. Parece-nos que as marcas no papel representam as diferentes intensidades do som.

Barulho estranho, horrível, porque é muito barulhento. Maria

Para expressar seu pensamento, Liz também demonstra suas impressões ao ouvir o som do micro-ondas, registradas por meio do desenho. Diferente de Maria, que expressa os sentimentos despertados na relação com o som, Liz integra a oralidade, nomeando as memórias que o som desperta por meio de uma sequência narrativa a respeito da história da bruxa que habita a Escola.

O som do micro-ondas se inicia de maneira contínua, ao ouvir o apito do timer, Liz o associa a uma risada. Um som pausado — pi pi pi — com a mesma característica sonora da risada da bruxa que brinca pela Escola. "Bruxa, ha, ha, ha!"

"A Bruxa, a risada dela lá em cima". Quando o som se encerra, ela conclui: "Bruxa foi embora!".



Ao conhecerem os espaços, as crianças retroalimentam suas fabulações!

Ao ouvir o som da máquina de café, Maya relata o que imagina que seja esse som:

"Eu acho que é um coelho. Ele está preso em um armário e faz qui, qui, quiiiii." Na visita ao espaço, Maya permanece **conectada com sua narrativa**, parece intrigada e curiosa. Reúne mais **elementos como indícios** que ampliam a sua narrativa — "tem um coelho na Escola!".

"Olha, aqui, Nina! Eu achei uma frestinha!"

No desejo de compartilhar sua fabulação, Maya conta para os amigos: "Tem um coelho preso no armário. Ele faz quiii-ii". Juntos, seguem explorando as salas do piso superior da Escola, cada um sustentando suas narrativas, mas um colaborando para a do outro. Até que Lorena Fréme desvenda o mistério: "Maya, o lobo e a raposa prenderam o coelho aqui. Dentro desse armário".

A imaginação, assim como a linguagem, produz realidade, a incrementa e a transforma.

Jorge Larossa

Eu posso transformar esse som em um sapo, em uma escavadeira, no que minha imaginação quiser. Guido



3.



G2

PROFESSORAS Juliana Guimarães Ana Paula Paz

AUXILIAR DE GRUPO Aldenise de M. Rocha

ATELIERISTA

Danielle Silva

ORIENTADORA Carolina Kerr

Gestos que desenham o som

Uma das mais tradicionais festas do bumba meu boi acontece no Maranhão. Existem inúmeras formas de manifestação do boi, seja por suas vestimentas, coreografias, instrumentos ou pela cadência da música. O enredo da festa resgata uma história típica das relações sociais e econômicas da região durante o período colonial do Brasil, mesclando cultura africana, indígena e europeia.

As crianças foram convidadas a conhecerem algumas músicas referentes ao boi bumbá, e, a partir disso, os afetos reverberaram em nosso G2, sendo traduzidos por composições gestuais na relação entre seus corpos e os "sotaques" do boi. Assim, criaram movimentos e coreografaram o boi a partir das letras das toadas e, nesse borbulhar de *insights*, fizeram surgir cirandas, apresentações solo e boizinhos que duelavam mostrando suas forças com chifres imaginários.

A cada toada, uma nova percepção de ritmos e criação de danças carregadas de singularidade, cultura e repertório próprio, que, ao ser compartilhado, ganhava tônus no coletivo. O gesto inaugural, ao ser compartilhado, se torna de todos.

Quando foram questionadas sobre o que sentiam ao escutar aquelas toadas, revelaram o quanto as músicas conduziam e provocavam seus corpos a expandir e criar.

Lino: Quando eu escuto essa música, eu tenho vontade de girar sempre. Voa, voa, gira, gira!

Maya: Eu tenho vontade de dançar e correr.

João: Eu gosto dessa música. Ela é legal e dá calor.



O envolvimento das crianças com essa aproximação do bumba meu boi foi tão intenso, que notamos nele a possibilidade de aprofundar a investigação sobre os movimentos na relação com as toadas, e, assim, uma nova camada se fez presente.

Para potencializar a percepção e a exploração de novos movimentos, acrescentamos recursos luminosos que materializassem os desenhos dos gestos. Assim como a linguagem fotográfica, para o registro dos desenhos efêmeros que, quando criados, pudessem ser observados e discutidos pelas crianças posteriormente.

Ao inventar movimentos acionados pelas toadas do boi, qual é o desenho dos gestos no espaço? Como expresso os afetos causados pela música?

Eva: Eu dançava e a sombra dançava. O meu corpo gira para dançar.

Maya: A gente dançava e a sombra imitava a gente.

Dançar é a expressão do sensível que, ao se lançar no espaço externo, configura-se em forma, criando símbolos e significados.

Lenora Lobo e Cássia Navas, em Arte da composição

A experiência de Tito com a sombra mudou a sua relação com a dança. Poder observar a silhueta de seu corpo simultaneamente ao se movimentar, provocou nele a experimentação como protagonista de sua criação coreográfica, com elementos performáticos na dança do boi.

Era só um Tito, mas quando eu levantava o braço, a sombra levantava também. Tito

Ocupou o espaço de dança muitas vezes, propondo um revezamento com seus colegas, e, a cada novo início, novos gestos eram agregados à sua coreografia, compondo uma seleção de movimentos na relação com a toada escolhida por ele, dando vida ao enredo da música. Ao final da melodia, Tito encerrou sua performance: "E o boi morreu".

Na experiência vivida com as luzes em seus braços e pernas, Tito e as outras crianças perceberam que suas danças poderiam deixar traços no espaço. Agregaram, assim, gestos



mais velozes, capazes de deixar desenhos, criando lindas composições de luzes com as danças do boi.

É um desenho todo atrapalhado, parece um furação. Maya

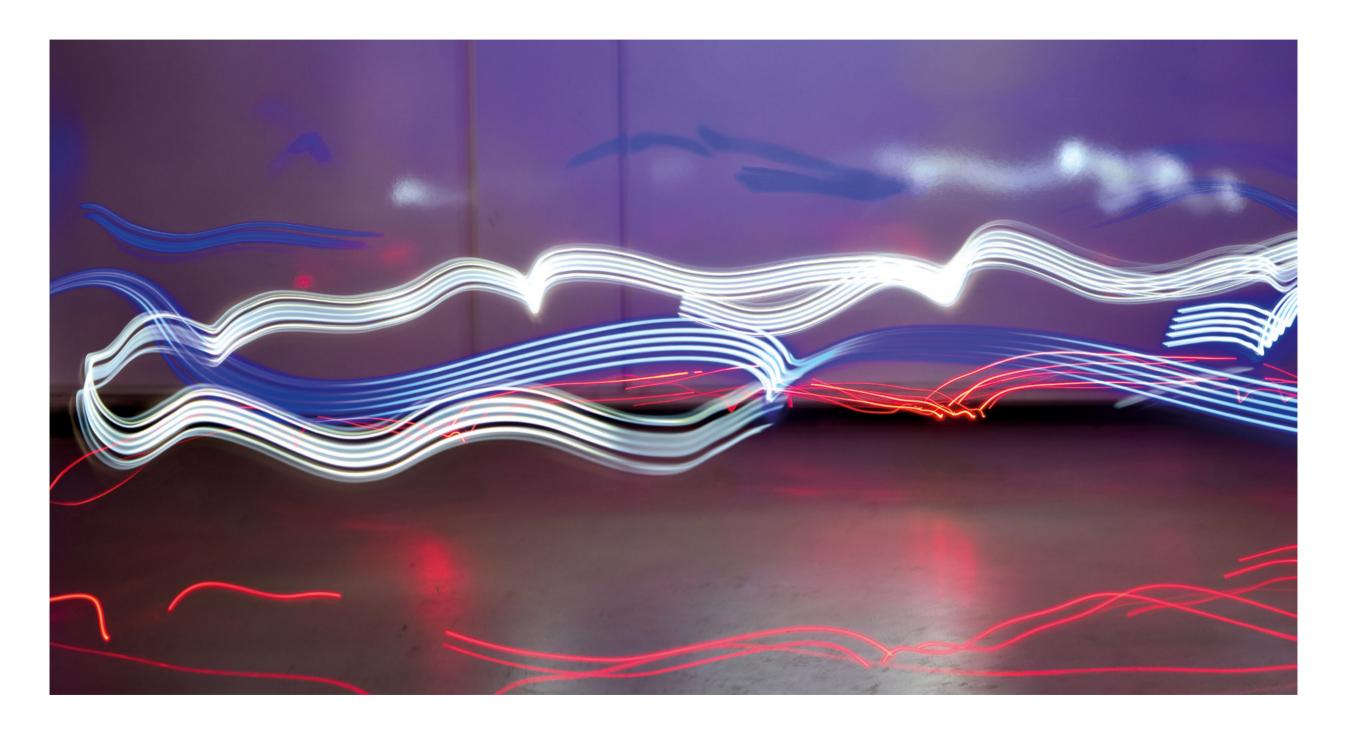
Eu corri bastante e fiz esse desenho todo. Parece um caracol. **Ben**

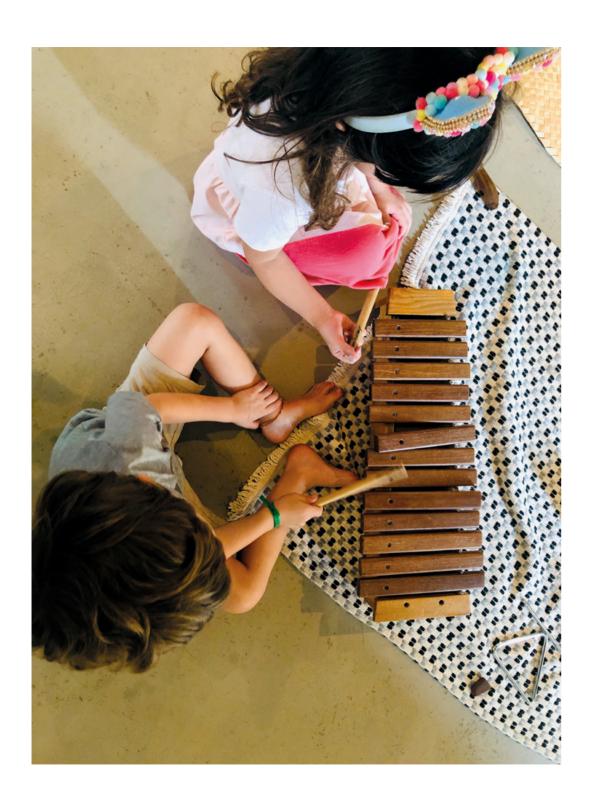
Essa dança parece meu sonho. Parece o sonho da Emma. Emma

Esse rastro parece um cobertor de praia. Para fazer o desenho precisa mexer os braços e as pernas rápido e devagar. Maya

Eu fiz assim: eu girei, girei e girei. Serena

Na dança, é o corpo que desenha, numa relação estabelecida com o tempo e o espaço. A dança é a linguagem desse corpo, que escreve quando se expressa, desenha seus gestos em parceria com seus sentimentos, memória e conhecimentos vivenciados — uma impressão gráfica e estética do mundo e para o mundo.







https://bit.ly/30Rev9a

G4

PROFESSORAS
Ani Maruchi
Thaisy Lomenso
AUXILIAR DE GRUPO
Aninha Moreira
ATELIERISTA
Luz Marina Espíndola
ORIENTADORA

Silvia Macul

Cine concerto: uma narrativa sonora

A importância da história no cotidiano das crianças é inquestionável. Ouvindo e, depois, criando histórias, elas estimulam sua capacidade inventiva, desenvolvem o contato e a vivência com a linguagem oral e ampliam recursos que incluem o vocabulário, as entonações expressivas, as articulações, enfim, a musicalidade própria da fala.

Teca Alencar de Brito, em Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança.

Ouvir histórias, ler as imagens dos livros, o despertar das sensações e os diálogos são momentos de afeto e aprendizagem. Durante a leitura do livro *O ratinho*, *o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Audrey Wood e Don Wood (tradução de Gilda de Aquino), as crianças sentiram-se convidadas, pela narrativa, a criarem sons:

Ana Flor: Eu tive uma ideia nesta página. A gente pode fazer o som do urso marchando.

Professora: E como pode ser o som do urso?

Isabela: Ele faz bum, bum, bum.

Mira: Eu acho que a gente pode bater o pé no chão bem forte.

Ana Flor: Nesta parte, a gente pode fazer o som da faca.

Mira: O som da faca é tum, tum, porque, quando corta o morango e bate a faca no chão, faz esse som.

Isabela: Mas o ratinho não bateu a faca.

Ana Flor: O som da faca é tic tic tic.

Lali: É verdade, minha mãe, quando corta com a faca, faz tic, tic, tic.



Discutir sobre o objeto e o som que ele produz em diálogo com a ilustração, além dos sons que fazem parte do cotidia-no (a faca quando corta, por exemplo), foi importante para a construção da narrativa musical da história.

Francisco: Agora, precisa fazer o som da chave.

Beatriz: Ani, você precisa escrever o som no papel.

Professora: E como eu escrevo esse som?

Mira: É só o R, o som do R. Coloca muitos erres.

Theo: Mas a chave não tem som.

Isabela: Na verdade, nesta página, é o som da chave abrindo o cadeado.

Tendo essa história como disparadora, nossa intenção foi pesquisar e criar música com sons do corpo e de instrumentos musicais.

Francisco: Eu acho que a escada pode ser o som do xilofone, que parece o som do ratinho subindo e descendo.

Joaquim: O reco-reco também pode ser o som da escada.

Instrumentos, corpo e os sons criados em diálogo com a narrativa do livro

As imagens do livro convocaram ideias sonoras. As crianças, ao tocarem os instrumentos, relacionaram os sons à narrativa; por exemplo, o xilofone e o ratinho subindo a escada.

O violão proporcionou uma base harmônica que organizou os sons na sequência da história, definindo um ritmo para os sons executados pelas crianças, seja pelo corpo ou pelos instrumentos. A composição acontece quando se organizam os sons com intenção.

Convidamos vocês ao nosso Cine Concerto!



GRUPO 2 Mariana Franco, Cristiane Santos e Aldenise de Menezes Rocha GRUPO 4 André Gimenes (Tato), Mildre D'Albuquerque e Rosa Gonçalves GRUPO 4 Fâtima Totti, Mildre D'Albuquerque e Aninha Moreira

Mosaicos: memórias e retratos

Mosaicos são pequenos fragmentos moldados sobre qualquer superfície.

Em nossas obras, são fragmentos que produzem um todo, pedaços de imagens e desenhos recortados que formaram retratos e autorretratos misturados. As crianças fizeram retratos autorais que, em certa medida, também são autorretratos inventados. Criaram, também, narrativas para histórias vividas, lembradas e atualizadas, concretizadas em desenhos, escritas e pintura.

Nas produções e experiências das crianças, se enfatizou a invenção de si, um mosaico composto de três importantes elementos: se conhecer no outro, se experimentar de diversas maneiras e recriar a própria história.



0 - 1



G2

PROFESSORAS

Mariana Franco

Cristiane Santos

AUXILIAR DE GRUPO Aldenise de M. Rocha

ATELIERISTA

Danielle Silva

ORIENTADORA Carolina Kerr

Retratos e autorretratos

O convite para que as crianças fizessem retratos — delas e dos amigos do grupo — por meio da linguagem gráfica possibilitou muitas aprendizagens para além da figuração que começou a surgir no papel.

Foi uma bonita imersão! Olhar para si, para cada pedacinho de si — se conhecer e reconhecer. Olhar para o outro, para as diferenças e para as semelhanças no outro.

Olhar para as cores e, em diálogo com o tanto de experiências que vivemos na relação com elas até agora, poder nomear, reconhecer e procurar tons e nuances.

Olhar para os tamanhos, proporções e posições dos corpos em poses inventadas pelas crianças.

Surgiram, sim, retratos figurados: braços, mãos e dedos; pernas, pés e sapatos; barrigas; roupas; e muitos rostos com olhos, cabelos e bocas — algumas até com batom.

Muito mais do que isso, surgiu um interesse por quem somos e como somos — identidade e pertencimento!

Ao mesmo tempo que nosso grupo se reconhece e se identifica, cria uma identidade coletiva. O desejo de ter um pedacinho de alguém — nessa brincadeira de ser o outro, ou, ainda, de unir amigos — está presente na composição de novos retratos feitos com os mosaicos de partes do corpo.

Aqui, mostramos a vocês alguns retratos e recortes desse processo, que contam sobre a riqueza do que vivemos nessa investigação sobre os nossos corpos, identidade e grafismo.





G4

PROFESSORES
André Gimenes (Tato)
Mildre D'Albuquerque
AUXILIAR DE GRUPO
Rosa Gonçalves
ATELIERISTA
Luz Marina Espíndola
ORIENTADORA
Silvia Macul

Retrato:

do latim retrahere, copiar

O retrato é um gênero da pintura e da fotografia, que tem como intenção descrever um ou mais sujeitos. Com uma longa tradição ocidental vinculada às elites, elas têm tornado invisíveis protagonistas que não fazem parte do círculo dominante. Assim, os retratos tradicionais são majoritariamente brancos e masculinos. No Brasil, pouquíssimas pessoas negras e indígenas foram retratadas e, menos ainda, identificadas com seus nomes.



Composição feita por Anna: Eu com cabeça de Iemanjá e colar de búzios.

Contrariando essa tradição, o artista visual brasileiro Dalton Paula retrata e dá visibilidade às histórias de vida de protagonistas negras e negros que não têm representação visual. Com o intuito de dar rosto a eles, se inspira em imagens históricas e na fisionomia de pessoas quilombolas, mais velhas, benzedeiras, raizeiras, lideranças, jovens, mestres griôs etc. O que vemos em suas obras é um mosaico composto de vários rostos, distanciando-se da ideia de cópia.

Esse artista foi uma das principais inspirações para aprofundarmos os estudos sobre o retrato em nosso G4. Além de aprenderem sobre esse gênero artístico e as linguagens ligadas a ele, conhecemos personalidades negras históricas e fizemos reflexões conectadas ao currículo antirracista do Vera.

A história de cada personalidade retratada foi fundamental para a composição de cada retrato, complexificando-os. Conhecer a história de Zumbi dos Palmares, por exemplo, ofereceu muitos elementos identitários para compormos seu retrato; da mesma maneira, assistir a vídeos e escutar músicas de Itamar Assumpção.

Interessada em nossos estudos, Ivete Fortunato, auxiliar de grupo do G3 da Escola, passou a visitar nossa turma com frequência. Ela nos trouxe um retrato de sua mãe e de seu pai, uma fotografia colorizada, semelhante àquelas em que Dalton Paula se inspira. A partir daí, resolvemos conhecer mais a história de Ivete, que, generosamente, a compartilhou conosco. Pintamos retratos de sua mãe e seu pai e elaboramos juntos um texto biográfico. O desejo de retratá-la aflorou no grupo, e também o fizemos. Ivete, assim como Zumbi, Itamar, cada um de nós e os orixás, também compõe nossos autorretratos.

Ivete Fortunato

Ivete trabalha na nossa escola, o Vera. O pai e a mãe dela já morreram, porque eles ficaram doentes. Eles tiveram lepra e viveram muito tempo no hospital, longe da filha Ivete e de suas duas irmãs. Laudelino e Oraci são os nomes de seus pais. Ivete morou em um abrigo para crianças, se formou como assistente social e, depois, trabalhou nesse mesmo abrigo. Ela deu uma melancia cortadinha para uma criança. Ivete é negra e gosta muito de ser assim, como sua família. Nosso G4 está fazendo retratos para se lembrar das pessoas, por isso, fizemos os retratos de sua mãe e de seu pai e, também, o dela.

Texto elaborado coletivamente pelo G4

Itamar Assumpção

Itamar nasceu no dia 13 de setembro de 1949, na primavera, na cidade de Tietê, e gostava muito de flores. Quando era criança, mudou-se para Londrina, aprendeu a tocar violão e a fazer música. Ita, como era seu apelido, escreveu dois livros para crianças, que temos em nossa sala: *Home-bicho, bicho-homem* e *O jabuti não está nem aí*, com ilustrações de Dalton Paula. Itamar também fez mais de 300 músicas e muitas

poesias. Tem um disco muito legal dele que tem uma cobra na capa. Ele teve duas bandas, a Isca de Polícia e a Orquídeas. Teve também duas filhas, Serena e Anelis. Nós conhecemos Anelis, que também faz música, poesia e é escritora. Ita ficou doente e morreu com 53 anos. Agora, existe um museu só dele, o MU.ITA. A gente sabe que roubaram seus óculos de uma exposição. Se foi você quem roubou, por favor, devolva!

Texto elaborado coletivamente pelo G4

Zumbi dos Palmares

Zumbi significa "deus da guerra" e força do espírito presente. Zumbi dos Palmares foi um herói negro do Brasil que lutou contra os malvados e cruéis que escravizavam as pessoas negras. Quando ele era bebê, foi levado por soldados portugueses e criado por um padre. Quando tinha 15 anos, fugiu e voltou para onde nasceu, o Quilombo dos Palmares, um dos mais importantes do Brasil. Quilombo é um lugar onde os negros se refugiavam da escravidão. Zumbi tinha um tio que se chamava Ganga Zumba, líder do Quilombo dos Palmares. Com 25 anos, substituindo seu tio, que foi envenenado, se tornou o último líder desse quilombo. Zumbi

conheceu Dandara, uma guerreira que lutava capoeira, e se tornaram namorados. Um dia, um amigo de Zumbi foi dedo-duro e contou para os malvados onde ele estava escondido. No dia 20 de novembro, foi morto; hoje, esse é o Dia da Consciência Negra. Ele aparece em vários livros e tem até uma estátua em sua homenagem, lá em Salvador. Ninguém sabe direito como era a cara de Zumbi, então, Dalto Paula inventou um retrato para dar um rosto para ele. Dalton inventou muitos rostos de pessoas que lutaram e sofreram com a escravidão e não tiveram seus rostos lembrados.

Texto elaborado coletivamente pelo G4

Eu fiz as minhas bochechinhas e o meu coração no Zumbi dos Palmares, e a espada dele, eu fiz em mim. Maria Clara

Iniciamos nosso processo fazendo retratos de nós mesmos. Autorretratos, pela pintura em composição com o desenho, explorando detalhes nas linhas e o efeito fluido da tinta e suas cores. A fotografia se uniu à gráfica, o que despertou olhares mais atentos aos rostos e às diferentes pessoas que habitam nossa Escola. Já a argila proporcionou tridimensionalidade e relevo ao retrato, num misto de escultura e gráfica. Sempre presente, o espelho foi uma ferramenta





importante, mesmo quando passamos a produzir retratos dos outros, colegas de sala e personalidades negras, inspirados pelos trabalhos de Dalton Paula. Os retratos são sempre uma interpretação autoral de quem os faz, portanto, em certa medida, também são autorretratos. Além disso, usamos a tesoura em fotografias impressas (nossas, de personalidades, dos retratos de Dalton Paula, orixás etc.) para recortar e organizar, sobre a mesa de luz, retratos inventados, resultando em uma mistura identitária, rostos compostos por recortes de vários.





G4

PROFESSORAS
Fátima Totti
Mildre D'Albuquerque
AUXILIAR DE GRUPO
Aninha Moreira
ATELIERISTA
Luz Marina Espíndola
ORIENTADORA
Silvia Macul

"Minha mãe é o começo"

Guardadas e carregadas na memória, as histórias sempre contam a origem de tudo. Também podem ser recontadas de forma a despertar um amor pela própria história, como nos diz o escritor Daniel Munduruku.

Existe uma maneira de compreender essas histórias, um segredo: é preciso ouvi-las não com os ouvidos que ficam na cabeça, mas com os ouvidos que ficam no fundo do coração. O ouvido da memória.



A gente nunca mais esquece o que ouve com o coração

Histórias de nascimento, origem dos nomes, histórias dos avós, como a mãe conheceu o pai, as receitas da família, o primeiro dia na escola — são algumas das memórias que as crianças compartilharam e recriaram por meio de desenhos, registros orais e composição com recorte, colagem e pintura.

A maneira como as crianças percebem suas histórias de família e criam narrativas a respeito de si colabora para a formação de sua identidade, que é exclusiva, autêntica e fundamental.

Como foi o começo da sua história?

No Ateliê, as crianças escolheram os materiais que poderiam contar melhor sua narrativa. Imagens e objetos, somados a pinceladas de nanquim, acionaram também outras memórias.

Minha mãe é o começo. Olivia Buarque

Para construir a árvore da Escola, que deseja guardar na memória, Zeca escolheu um papel reciclado por sua textura, cor e maleabilidade; além disso, pensou no equilíbrio, no volume e na forma: "Preciso fazer uma estrutura, porque, senão, ela não fica em pé".

Ao ouvir, ler e ver as memórias das crianças, podemos também acionar memórias dentro da gente.

O que seu coração tem a dizer?

GRUPO 3
Karina Crespo, Dani Morita Nobre e Ivete Fortunato
GRUPO 3
Mariah Pissarra, Denise dos Reis (Teca) e Valdenice Pereira
GRUPO 3
Simone Aiex, Tânia Schandert e Ivete Fortunato
GRUPO 3
Vanessa Almeida, Flávia M. A. Marcomini e Tatiane Oliveira

Mundos imaginados: personagens e narrativas

Quando estamos fazendo livros, estamos brincando com as ideias. Bernardo, 4 anos

Criar livros é compor com linguagens.

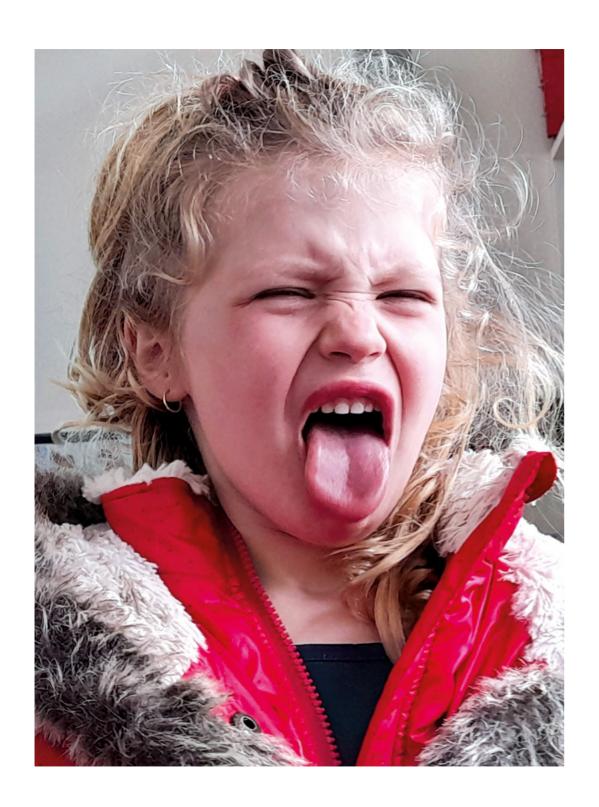
Na relação das crianças com os livros ilustrados, a leitura, a escuta e a troca são o início de um caminho de muitas aprendizagens.

Fragmentos de narrativas, personagens e enredos surgem na pesquisa de diversos materiais e na inter-relação de linguagens, como colagem, desenho, digital e dramática. Uma linguagem se entrelaça à outra, compondo e decompondo narrativas.



As crianças têm investigado a criação de livros, lidando com diferentes materiais e linguagens. O imaginário e a fabulação os acompanham nesse processo ainda em construção.

Agora, convidamos vocês a uma ação que também faz parte desse processo: colaborar para a composição de nosso mural coletivo com fotos, desenhos, frases e ideias das crianças, em formato de lambe-lambe. Criem sua narrativa!



PROFESSORAS
Karina Crespo
Daniela Morita
AUXILIAR DE GRUPO
Ivete Fortunato
ATELIERISTA
Dani Dini
ORIENTADORA
Lícia Breim

"Eu não tenho medo, mas me fiz assustado na história"

Nosso grupo se reuniu para criar um livro assustador.

Em um momento tão significativo de seu crescimento, as crianças transformaram o medo e a coragem em um campo de criação. Em vez da "página em branco", foi do escuro que surgiram as primeiras ideias. Surpreenderam-nos as

soluções inventadas para os obstáculos encontrados durante o processo; as conexões entre as linguagens, que ampliaram as descobertas e novas possibilidades criativas; e as estratégias escolhidas para cativarem visualmente os leitores para dentro da história.

Convidamos vocês a apreciarem esse processo e a verem como essa história tem ganhado vida.

Como fazer um livro assustador?

- 1. Usar cores assustadoras como o preto, porque a gente tem medo do escuro.
- 2. Começar com papel colorido e, depois, usar o papel preto.
- 3. Desenhar monstros com os braços abertos para pegar, ou deixá-los escondidos, bocas sinistras com dentes, olhos assustadores com sobrancelhas e olheiras, casas assustadoras e até árvores com dentes.
- 4. Usar lápis preto, carvão e canetinhas grossas para o desenho ficar bem forte e escuro.

- 5. Fazer "placas" com mensagens assustadoras, como: "Abra se tiver coragem".
- 6. Colocar fechaduras e trincos nos livros para deixálos misteriosos.
- 7. Quando contar a história, abrir o livro bem devagar e dar um susto.
- 8. Esconder os desenhos: fazer rasgos ou furos para mostrar uma parte deles.
- 9. Usar papel-lixa é bom para uma história assustadora; para os outros livros, não.
- 10. Fazer o livro na forma de dobra assusta mais, porque vai mostrando pedaços do desenho.
- 11. Pode ter ou não "escreveção" fazer letras assustadoras e escrever o som dos monstros.

Dicas construídas pelo grupo.

Eu não tenho medo, mas me fiz assustado na história.

Pedro Nunes



Era uma vez uma menininha dormindo na cama, no seu quarto, quentinha. Já era tarde. O papai foi dar boa noite e apagou a luz.

(Trecho do primeiro parágrafo da história.)

Problematizamos com as crianças elementos importantes, como os atributos dos personagens, expressados em cada ação, e a configuração de espaços/cenários.

As crianças criaram cenas, experimentaram as sensações e os sentimentos dos personagens, teatralizando a narrativa.



A menina acordou assustada com um barulho. Ela colocou o cobertor todinho em cima dela. Ela estava com muito mais medo do que antes, por isso ela tremeu. Ela pensou que tinha monstros escondidos no quarto dela. Tinha monstros de verdade, era um sonho!

(Reescrita do terceiro parágrafo.)

O grupo escolheu o desenho e a colagem de Luiz por transmitirem a sensação mais assustadora. Para esconder o monstro, Luiz desenhou um armário e uma maçaneta, que

lhe lembraram o guarda-roupa de seu quarto. Para parecer que a menina estava tremendo de medo, utilizamos filtros digitais.

Essa parece que está mais tremendo, ainda porque tem esses tracinhos. Lucas Souza argumentando sobre sua escolha entre os filtros.

De dia os monstros não aparecem. Eles gostam mais da noite. Quando fica escuro, os monstros saem e assustam as pessoas. Eles fizeram a maior bagunça no quarto da menina e colocaram armadilhas para prender ela. Uma bagunça geral!

(Primeira versão do quinto parágrafo.)

Pedro Nunes: Esses monstros no escuro ficaram muito assustadores. Para ficar mais assustador, a gente podia colocar uma coisa em cima, que, quando abre, dá susto.

Professora: Vamos ver se há alguma ideia nos livros que vocês já criaram? Laura: Vamos fazer rasgos!

Pedro Nunes: Ah, não! Nesse rasgo ficou aparecendo bem o

monstro chefe. Já sei! Vamos colocar fechaduras!

De dia, os monstros não aparecem. Eles gostam mais da noite. Quando fica escuro, os monstros saem e assustam as pessoas. A menininha viu os olhos do monstro no fogãozinho dela e ficou com muito medo, assustada. Voltou a se cobrir de novo e ficou de ladinho. Ela sonhou que tinha vários monstros no quarto dela, então pegou a coragem e trancou todos eles!

(Reescrita do quinto parágrafo.)

A narrativa se transformava ao longo de todo o processo. As materialidades e as diversas linguagens — gráfica, dramática, digital, fotográfica e corporal — instrumentalizaram e ampliaram as ideias das crianças, enriquecendo a narrativa. Os momentos de parada e retomada do processo foram imprescindíveis para pensarmos nos ajustes e sistematização dos conhecimentos do grupo.

O monstro-chefe perguntou para ela: "Menininha, você quer ir ao nosso clube? Você quer ser nossa amiga?"

"Simmm!". Ela destrancou tudo e foi ao clube dos monstros.

Ela balançou nas árvores, saltou das nuvens, viu muitas plantas carnívoras e brincou com todos os monstros.

(Trecho de narrativa.)

A linguagem gráfica se transformou ao encontrar a fotografia de gestos e corpos assustados encenados. Os traços no desenho ganharam movimentos e intensidades diferentes.

As crianças experimentaram formas de desenhar com a tesoura e compor narrativas com as imagens de nosso acervo (ações que envolvem a linguagem da colagem).

As edições e o uso de filtros das imagens de nosso acervo provocaram a imaginação das crianças para a criação de novos enredos para a história e ressaltaram ainda mais as características dos personagens inventados.

Eu fui no ateliê fazer um monstro assustador. Eu virei o Monstro Fogo, para os marshmallows ficarem gostosos, e o Monstro Marinho. Ele assusta até os tubarões! Caetano Costa

Nossa Escola passou a ser um grande ateliê de criação de corpos brincantes. O imaginário e a experiência viva deram origem a novas ideias para a composição do livro que, em seu processo de construção, instigou novas brincadeiras.

Professoras: A Lícia e a Dani Dini viram nosso livro ontem e disseram que essa imagem não parece tanto um papai.

Bernardo: Que tal a gente desenhar para ser uma roupa de papai?

Pedro Nunes: Fazer uma roupa gigante!

Maria Clara: Se escrever "Boa noite, filhinha", todo mundo vai saber que é o papai!





Era uma vez uma menininha dormindo na cama, no seu quarto, quentinha. Ela tinha medo de escuro. Já era tarde. O papai foi dar boa-noite, apagou a luz e disse: — Boa noite, filhinha.

(Reescrita do primeiro parágrafo.)

Durante todo o processo, as crianças foram desafiadas a tomarem muitas decisões em conjunto, pensando no melhor modo de comunicar a narrativa. Dentre algumas questões, elas refletiram sobre:

- Como transformar a fotografia de Pedro Steigmann na imagem do pai-personagem?
- Que elementos escolher para compor o cenário do quarto?

Bernardo: Aqui, em cima, é o pai falando "Boa noite, filhinha", e, embaixo, eu fiz a filhinha falando "Boa noite, papai".

Julia V.: Os adultos usam roupas com listras, não de dinossauro. Meu pai tem barba também.

Julia B.: Meu pai tem casaco de zíper.

Caetano Costa: Meu pai tem de botãozinho.

Bernardo: Na minha cama, tem uma grade com telinha, para eu não cair da cama dormindo.





PROFESSORAS
Mariah Pissarra
Denise dos Reis (Teca)
AUXILIAR DE GRUPO
Ivete Fortunato
ATELIERISTA
Valdenice Pereira
ORIENTADORA
Lícia Breim

Um ninho de muitos passarinhos

O interesse pelo ninho na mangueira, em frente à nossa sala, fez nascer no grupo uma relação de afeto com os passarinhos. A cada dia, as crianças criavam uma nova história para as idas e vindas do sabiá-laranjeira que vive na nossa árvore. Essas narrativas mobilizaram o grupo a recordar outras experiências com pássaros.

Na casa da minha vó, todo dia passa um passarinho para tomar água! Helena Rossi

Assim, convidamos as crianças a criarem um livro com histórias de passarinhos.

Ao conversarmos sobre como fazer um livro com esse personagem, muitas ideias surgiram:

Francesco: Como que os pássaros vão entrar na história?

Teresa: Precisa pegar um papel, colar o pássaro no papel e colocar uma coisa para virar as páginas.

Julia: A gente precisa escrever o que vai ler. O livro pode ter palavras; e tudo bem se não tiver palavras.

Alice: O meu não vai ter palavras.

Catarina: O meu também não. Eu vou inventar!

Ao criarem seus personagens/pássaros, na composição com a colagem e desenho, surgiram produções muito singulares e originais. A organização estética, os tamanhos e a espacialidade também entraram em jogo, desencadeando narrativas.

O meu passarinho vai ter esse bico aqui, porque ele vai pegar minhocas! Catarina

Os passarinhos, depois de recortados, ganharam novas ações na elaboração de enredos, quando a narrativa e a brincadeira de faz de conta estiveram muito presentes.

O passarinho está voando para Maceió. Joaquim

O movimento de compor e de decompor diferentes linguagens — modelagem, gráfica, colagem, construção e a escolha de uma cor, ou uma imagem em vez de outra —, está relacionado com a intenção de cada criança em seu processo de criação.

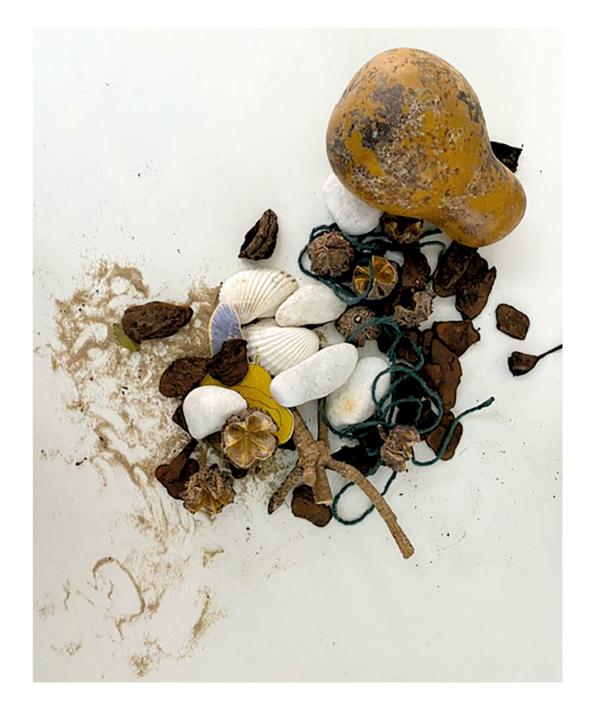
O meu passarinho se chama Putiti. Ele está voando para o ninho dele. Ele estava conversando com um jacaré e um pintinho. Leonardo

O passarinho está segurando uma corda para levar para casa... Ele brinca muito na casinha dele. Ah! Vou fazer uma praia. A casa dele é na praia e tem coquinho lá. Gustavo

Areia, pedras e elementos da natureza foram escolhidos por ele, para representar a casa do seu passarinho.

A água de coco do papai é de argila. Anna





 $_{
m 30}$

O papai passarinho estava tomando suco, os filhos queriam o suco do papai e o papai ficou sem. Anna

O passarinho que gostava do mar, da piscina e da cachoeira. **Pedro**

O passarinho caiu na boca do crocodilo. Depois, ele conseguiu sair da boca do crocodilo e saiu voando para a floresta. Antônio

Os pássaros gêmeos estavam voando. Eles estavam indo encontrar o amigo deles. **Teodoro**



Os pássaros de Pedro voam pela ponte para nadar na cachoeira, e, depois, na piscina, representados com papéis transparentes na mesa de luz.





 γ_4



PROFESSORAS
Simone Aiex
Tânia Schandert
AUXILIAR DE GRUPO
Ivete Fortunato
ATELIERISTA
Valdenice Pereira
ORIENTADORA
Lícia Breim

Espaços habitados e caminhos inventados

Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar.
Siba, compositor

Caminhar em estado de atenção, convocado pela curiosidade, provocou uma investigação sobre o pertencimento e o habitar. Ela reverberou, em cada criança, olhares e descobertas singulares.

A cidade é nossa! Francisco

É de todo mundo... Nina

Desenhos dos caminhos percorridos: percepções, saberes, olhares e expressões que revelam pensamentos sobre a cidade.

A gente saiu da Escola, passou pela casa do homem. Tomás Bacelar

O caminho com as plantinhas, o monitoramento. A casa de música, as placas e os sinais. Bento

O nosso passeio: as crianças, a Tania, a Lícia e a Simone. Tozinho

Carro com pneu igual ao meu. Farol. A calçada e a rua. Malu

É um ônibus que está aqui. Está vazio de um lado e do outro... Ele foi buscar 14 pessoas! Ana

O gesto do encontro contém a novidade, uma maneira diferente de olhar para o cotidiano da nossa Escola. Dessa perspectiva, o **dentro** ganha novas nuances e ativa as memórias das crianças.

O que eu mais gostei de ver foram as crianças brincando. Tomás Bacelar



Descobrir espaços, coisas e pessoas.

As crianças tentam descobrir de quem é cada chaveiro e, ao mesmo tempo, encontram preferências em comum, principalmente ao notarem os chaveiros brilhantes e de times de futebol.

Esses bules são os maiores do mundo! Tetê

Na linguagem da construção, o espaço da Escola adquire novas significações

A gente viu uma borboleta voando na areia e a aula da Betinha. Aqui, os muros da escola e as crianças brincando. Tozinho

gg c

A gente viu a sala do G1 com as crianças dormindo e, também, a sala do G2, com as crianças ouvindo história, como a gente faz! Malu

Depois da porta, atrás da porta, tem os seguranças. E, na frente da porta, tem a Escola. E, depois dos seguranças, tem a cidade. Tomás Bacelar

E lá fomos nós, em busca de novos caminhos, nos relacionar com o entorno da Escola, com os ritmos, os cheiros, os sabores, os sons e as pessoas desta cidade. O **fora** da Escola.

A presença das crianças transforma a cidade, e a cidade transforma as crianças.





PROFESSORAS
Vanessa Almeida
Flávia M. A. Marcomini
AUXILIAR DE GRUPO
Ivete Fortunato
ATELIERISTA
Tatiane Oliveira
ORIENTADORA
Lícia Breim

Metade gente, metade bicho

A partir das investigações literárias do semestre anterior, que envolveram personagens humanos e animais, aprofundamos nossa pesquisa tendo como foco a criação de um personagem.

Narrativas e traços: me conta do seu personagem?

Para as crianças expressarem graficamente suas ideias de personagens, lhes oferecemos diferentes tipos de papel e riscadores. Elas fizeram várias versões, e, nesse jogo entre a ideia e o traço do desenho no papel, os personagens ganharam novos detalhes e características.

Traços e formas: como ele é fora do papel?

Como parte desse processo de criação, propusemos uma experiência de construção de personagens, utilizando outros materiais, como lixo eletrônico e *biscuit*.

Que relações elas estabeleceriam entre o desenho e a construção tridimensional?

Paisagens fantásticas: que lugar é esse?

Para adentrar na invenção de uma história, convidamos as crianças a pensarem em cenários e contarem como esses espaços se relacionariam com seus personagens.



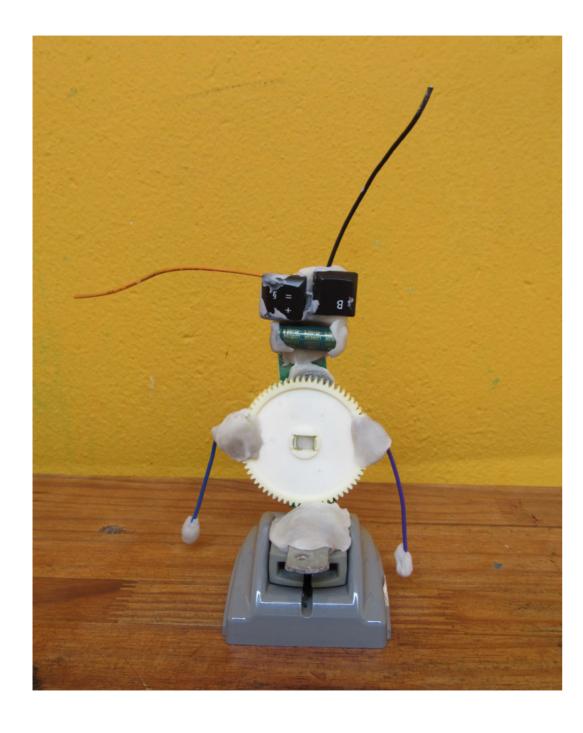
Saindo do papel

Gabriel olha seu desenho e diz: "Eu preciso de uma peça grande". Ele atenta ao tamanho do corpo e procura por uma peça que satisfaça sua exigência. A partir dessa peça, enquanto narra, acrescenta outros elementos que caracterizam seu personagem:

"Esses ferros são as pernas. Ele tem três. Os números dois e o três vão ser os olhos. Olha que boa ideia eu achei para ser o rabo."

"Eu escolhi as peças do meu personagem. Ele chama Ecuene."

Catarina busca por objetos que tenham formas parecidas com o seu desenho e acrescenta outros elementos para seu





personagem, como o ventilador para fazê-lo respirar. O material sugere narrativas:

"Eu peguei a peça que mais era boa para fazer o personagem. Aquela que era mais parecida. O ventilador para ele respirar."

Luca atenta para a forma de seu personagem, um círculo, e busca um objeto parecido:

"Um círculo para a barriga e letras de computador para fazer o olho."

A construção da identidade do personagem se relaciona com a identidade da criança. **João**, em sua narrativa, mistura parte do pai, da mãe e de si:

"Preciso de um pé, um olho e uma massinha para colar. Escolhi um pé bem grande, do tamanho [do pé] da minha mãe. O olho é do meu pai, e a boca é a minha boca."

Manu tem seu desenho como referência. Ela o revisita a cada vez que adiciona uma parte do corpo de seu personagem:

"Eu preciso fazer a cabeça, mas ela tem que ser redonda. Vou colar esses redondos com a massinha. Já fiz a cabeça, agora eu preciso de pernas longas. Estou juntando bem, muito bem."

Ao dar forma para seu personagem, **Elisa** traz um rigor em suas escolhas. Olha com atenção os materiais expostos, relaciona sua forma com o traço elaborado por ela e seleciona o que melhor representa as características em seu desenho.

"Esse fiozinho vai ser a barriga. Depois o rabo e outras coisas que eu preciso. Essa coisa pequena vai ser o chifre, e a orelha vai ficar embaixo. Essa girafa tem três olhos."





- 110

GRUPO 1 Fernanda Vignola, Thaisy Lomenso e Ivani Sousa GRUPO 1 Nathália Coelho Puccinelli, Catarina Nemet e Ivani Sousa

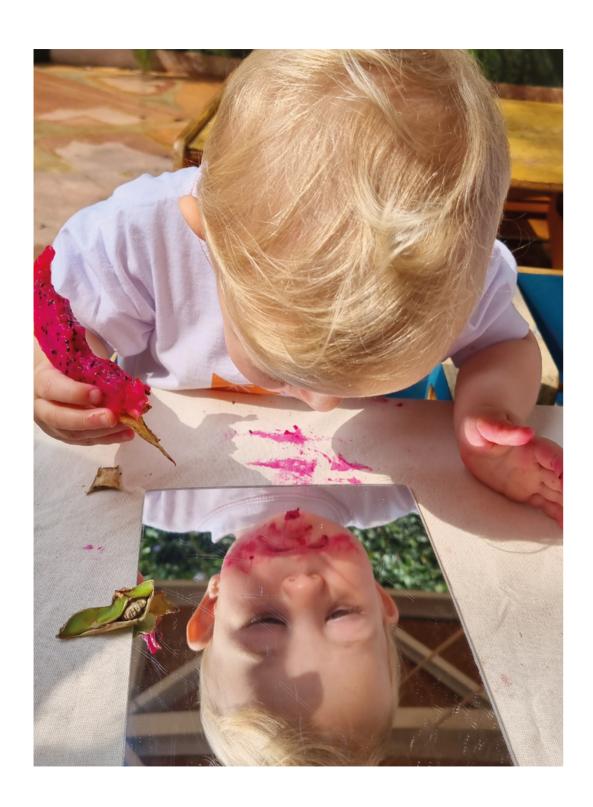
Sentidos da cor

Sentire: experimentar algo com todos os sentidos.

A criança **sente** de maneira integrada e multissensorial. Vive o que conhece sempre aberta ao novo, um contato inaugural com o mundo. **Nessa experiência**, **o corpo é cor**.

A cor atravessa os corpos, que, aqui, também são suportes, marcados como a tela de tecido pintada pelas crianças. As cores analógicas e digitais se misturam, criando um campo de relações e troca, de forma a borrar as fronteiras entre o individual e o coletivo e entre as linguagens.





PROFESSORAS
Fernanda Vignola
Thaisy Lomenso
AUXILIAR DE GRUPO
Ivani Sousa
ATELIERISTA
Dani Dini

ORIENTADORA Luciana Cabral

Marcas:

cores e texturas

Nas pequenas mesas de nossa varanda, diariamente, nos reunimos para experimentar os sabores das diferentes frutas e construir novos saberes.

É um momento importante, que possibilita diferentes aprendizagens — na relação que se dá entre as crianças e na construção dos hábitos alimentares —, além da vivência do alimento como afeto e memória. Experiência complexa que nos nutre por seus sabores, texturas e sensações.



Comer, para além da nutrição, revela a necessidade de se encontrar com o outro. Essa experiência começa pelo alimento transformado em objeto e passa pelo corpo das crianças, acionando sensações, aguçando seus **sentidos** e criando perguntas.

Como toda ação tem uma reação, nasce uma nova descoberta: os gestos das crianças deixam **marcas coloridas** nos tecidos e em seus corpos.

Tocar para ver,

tocar para sentir,

tocar para escutar,

tocar para conhecer!

Os gestos são uma forma de se abrir à curiosidade pelo mundo a sua volta — um caminho de construção de conhecimento na relação com o alimento.

Nossas observações foram compartilhadas com as crianças, procurando valorizar seus processos de aprendizagens e dar oportunidades para que suas investigações ganhassem novas perguntas.



O tecido com marcas mais intensas carrega outras investigações na relação com a textura, a cor e a tinta que a fruta solta. Apertando, amassando, esfregando e até mesmo pintando o pano, as crianças deixaram vestígios.

A cor e a textura convocam a curiosidade das crianças, que se relacionam com as marcas deixadas no tecido.

Para aprofundarmos a investigação das marcas deixadas pelas cores das frutas, organizamos um novo contexto com

a intenção de trazê-las por meio da linguagem digital — projeção de fotografias.

Como as crianças se relacionam com imagens das experiências vividas com os alimentos?

O encontro com as imagens projetadas na parede e no chão da nossa sala trouxe novos pensamentos — nesse momento, as marcas imprimiram estampas e novas sensações em seus corpos.

Tá molhado! Flora

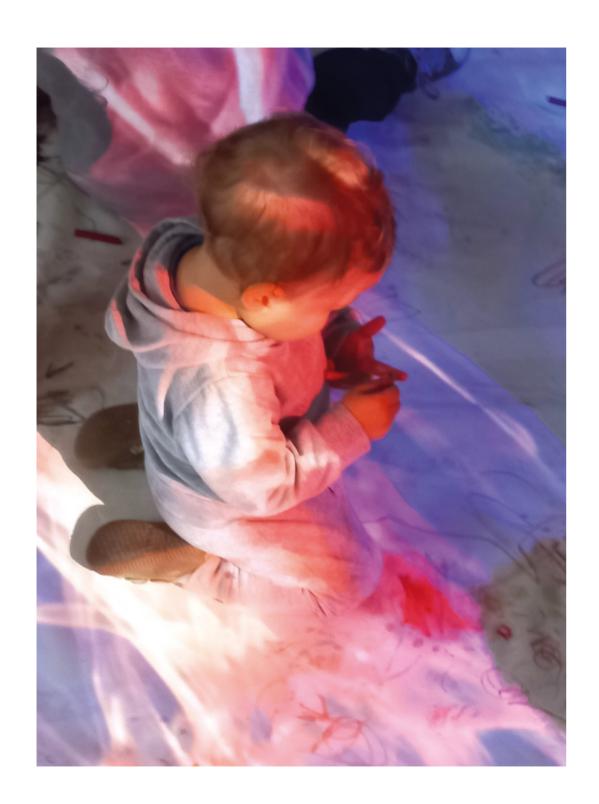
As crianças carregam a memória do vivido para o novo contexto. Trouxeram para essas experiências os sentidos que viveram com as frutas e suas texturas, consistências, temperaturas, dentre outras características.

Os processos investigativos se alargam e se transformam à medida que vivemos diferentes experiências, e, nelas, temos a oportunidade de percorrer novos caminhos, construir novos saberes, buscando tornar visíveis nossas aprendizagens.









PROFESSORAS
Nathália C. Puccinelli
Catarina Nemet
AUXILIAR DE GRUPO
Ivani Sousa

ATELIERISTA Dani Dini

ORIENTADORA Luciana Cabral

A transformação pela cor:

quais sentidos as cores ativam na experiência das crianças?

A cor!

A cor que transforma, que deixa marcas, que transporta para diferentes estados e camadas na experiência. Cores que se sobrepõem, que se fundem, que se compõem e decompõem.

Ah, olha! Tá vindo na gente! Tá bem pertinho. Ela quer pegar a gente! Elena

Um ambiente de relações

Os elementos que compõem esse contexto constroem um ambiente de relações, afetam e são afetados, transformam e são transformados a partir de nossas ações.

Entrelaçamento entre as linguagens

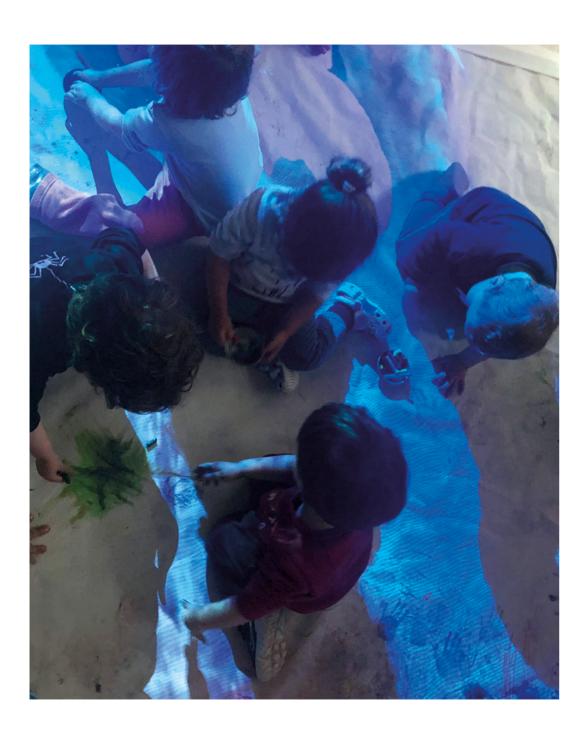
A gráfica, linguagem vivenciada com tanta força em nosso cotidiano, se transformou quando investigamos a relação entre o giz pastel e o óleo, nesse contexto. Riscador que vira tinta, caminho entre gráfica e pintura.

Quais sentidos as cores ativam na experiência das crianças?

Essas duas linguagens, gráfica e pintura, ainda foram atravessadas pela linguagem digital.

Nesse entrelaçamento, uma linguagem transformou a outra.





Experiência de transformação

O G1 investigou como a cor marca, pinta e colore as diferentes superfícies. Descobriu o corpo como mais uma superfície de pintura ao longo de todo este ano. O jogo entre a pintura, suas marcas e a projeção gerou uma experiência de transformação da cor no corpo das crianças.

Minha mão tá ficando azul... verde... tá ficando colorida! Elena

Antonia Boyadjian (Tutu): Minha mão!

Professora: O que aconteceu na sua mão?

Antonia Boyadjian (Tutu): Vermelha e azul.

GRUPO 1 Patrícia R. Martins, Tatiana B. Vieira e Valdenice Pereira GRUPO 4 Andréa Jota, Lívia Burani (Liló) e Rosa Gonçalves

Crianças e suas naturezas: corpo que vê, olho que sente

As crianças se mostram sensíveis na relação com a natureza, se atentam aos sons, cheiros, cores, sabores, formas, estrutura, força e funcionamento.

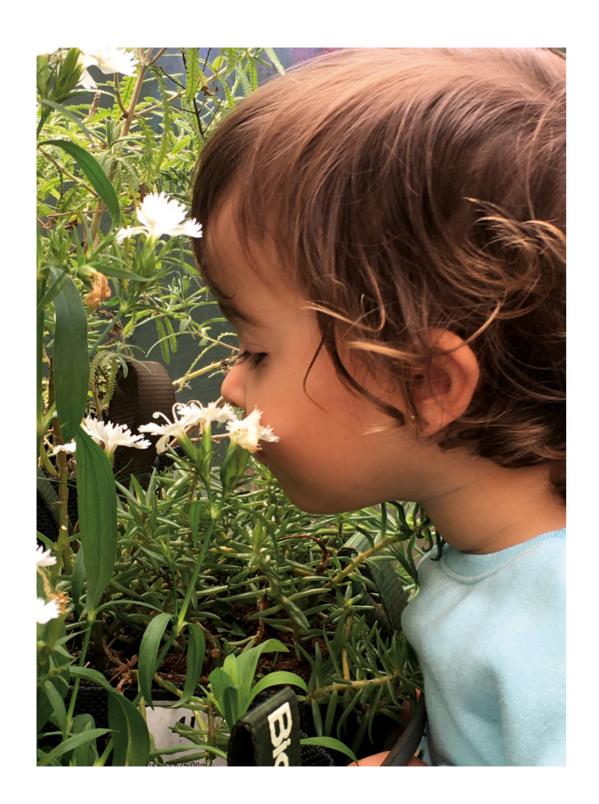
Curiosas, buscam se relacionar com as naturezas e, ao entrarem em contato com elas, investigam e criam. De maneira singular, integram as múltiplas linguagens.

Avistar ao longe os galhos que compõem uma determinada árvore e desenhar ou pintar expressando a rugosidade de seu tronco é também uma experiência tátil. Os olhos sentem.



Misturar-se entre os troncos, tornando-se um deles, é sentir as linhas curvas marcadas no corpo e perceber, dentre outras coisas, o som único de cada elemento produzido a partir de nossa ação.

Convidamos vocês a verem e sentirem em uma experiência conjunta com as crianças.



PROFESSORAS
Patrícia R. Martins
Tatiana B. Vieira

AUXILIAR DE GRUPO Valdenice Pereira

ATELIERISTA Dani Dini

ORIENTADORA Luciana Cabral

Cotidianidades e naturezas

O jardim da Escola forma um pequeno ecossistema, que, com sua diversidade de plantas e pequenos animais, tem despertado o olhar curioso e indagador das crianças e adultos de nosso grupo.

Onde estão as abelhas? — imprevisibilidade que abre às indagações

Naquela manhã nublada, não vimos as abelhas. "Onde estão as abelhas?", perguntou a professora. As crianças

também expressaram essa pergunta pelo olhar fixo na colmeia ou por gestos, ao elevarem as mãos com as palmas voltadas para cima. Marilla não olhou na direção da colmeia, mas para cima, e dizia: "Abelha!". Sua hipótese talvez fosse de que estavam no alto da palmeira, ou mesmo que morassem lá.

É essa relação cotidiana com a natureza que desperta em nós o desejo de buscar e dar sentido ao mundo.

O perfume da lavanda e o roçar suave das folhas e flores no rosto de Lina nos pareceram terem sido uma surpresa prazerosa para ela: com delicadeza, segurou os finos galhos da cravina e passou-os por todo o seu rosto, sorrindo e estabelecendo um diálogo com as flores.

Menina-flor

Ambiente analógico e ambiente digital: provocações para o imaginário

A projeção do vídeo das abelhas-jataí em voo, tão conhecidas do nosso grupo, foi um convite para que as crianças vivessem no corpo o voo desses pequenos seres.

Essa linguagem possibilitou outro ponto de vista, outra relação entre os sujeitos — crianças, abelhas e flores —, na criação de narrativas por meio de corpos expressivos, abrindo espaço ao inusitado.

Nessa brincadeira de voar, Cora T. reparou na projeção em seu corpo, e a brincadeira se transformou.

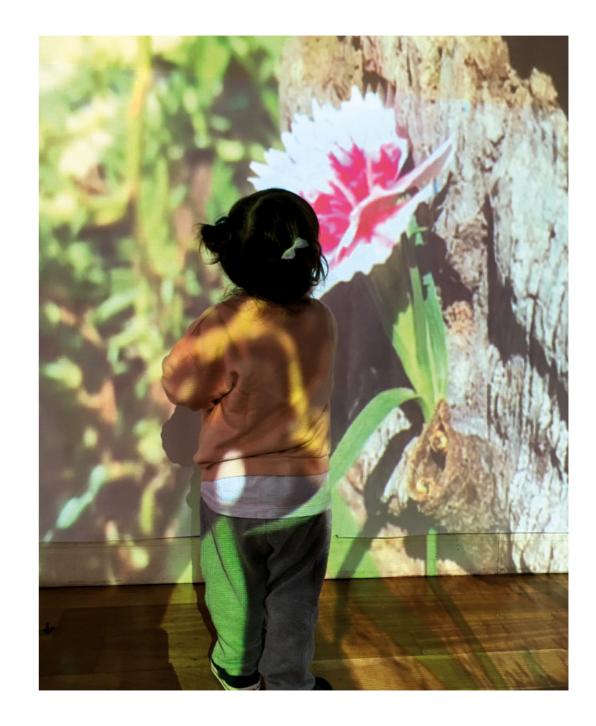
Ao ajustar-se intencionalmente à projeção, seu corpo também se transformou: ela, agora, podia ser flor.

Múltiplas linguagens: invenção de sentidos e expressões das crianças

Os **sons**, os **cheiros**, as **texturas** e as **miudezas** foram alguns dos aspectos que emergiram nas experiências dentro e fora da sala, e que ainda continuam em nosso cotidiano. Tudo isso nos impulsionou a planejarmos contextos de aprendizagens com outras linguagens para aguçar ainda mais o olhar das crianças para a natureza, provocando-as a conhecê-la sob diferentes pontos de vista.

As grandes folhas das palmeiras, os troncos das árvores e os galhos secos ganharam outras disposições no espaço do





Ateliê, provocando o corpo e o imaginário das crianças e constituindo, assim, uma teia de aprendizagens.

Parece que estar embaixo da grande folha pendurada proporcionou às crianças experimentá-la de outra maneira, diferente de quando viveram a experiência de pisar sobre ela ou de se esforçar para carregá-la ou arrastá-la pelo chão.

A grande folha transformou-se em um lugar de encontro, imaginação e de muitas brincadeiras.

Para Thomas e Jonas, a brincadeira foi tentar alcançá-la, o que motivou os meninos a esticarem todo o corpo, buscando um ponto de contato. Quando isso não resolvia, pular bem alto pareceu ser uma solução para eles.

Para Flora, a folha foi balanço: ela também precisou ajustar sua força e coordenar seu movimento de vaivém para puxá--la e, então, empurrá-la.

Troncos e galhos: provocações sonoras

Bento descobriu, na relação com os elementos naturais, que podia produzir som ao bater nos troncos com os galhos.



Passou a usá-los, então, como baquetas, produzindo intencionalmente um ritmo marcado em sua ação. Nessa brincadeira, atribuiu um novo sentido aos elementos, usando-os como instrumentos percussivos.

Troncos e galhos: provocações sensoriais

Francisco sentiu os troncos com seu corpo inteiro — as formas recurvas e a textura, por vezes, lisa, por vezes,

rugosa. Por alguns instantes, experimentou ajustar-se entre eles e permanecer deitado, como se estivesse contemplando os movimentos sutis e o balanço causado pelas ações dos colegas que brincavam ali.

O som do batuque de Bento foi notado por Francisco, como se ele pudesse "sentir" o som em seu corpo, uma vibração que ecoou da outra extremidade do tronco.

Neste espaço, somos um só, seres vivos deste lugar. Um corpo que vê, que sente, aprende e se afeta na relação cotidiana com as naturezas.



1/2





PROFESSORAS
Andréa Jota
Lívia Burani (Liló)
AUXILIAR DE GRUPO
Rosa Gonçalves
ATELIERISTA
Luz Marina Espíndola
ORIENTADORA
Silvia Macul

"Eu ainda não conhecia ela assim"

Há uma imensa diferença entre ver uma coisa sem o lápis na mão e vê-la desenhando-a. Ou melhor, são duas coisas muito diferentes que vemos. Até mesmo o objeto mais familiar a nossos olhos torna-se completamente diferente se procurarmos desenhá-lo: percebemos que o ignorávamos, que nunca o tínhamos visto realmente.

Paul Valéry, em Ver e traçar

Ao olharem para cada detalhe das árvores, das raízes germinadas, suas formas e tamanhos, as crianças mostraram-se curiosas sobre esses seres naturais que habitam a nossa Escola. Ao desenharem seus traços, as crianças revelaram novos afetos. Subir na jabuticabeira tem, agora, um novo sentido:

Eu consegui ver as linhas e tem também umas manchinhas, né? Eu gostei muito dessa árvore, vou ter que vir fazer ela de novo e de novo. Eu não conhecia essa árvore. É, eu já tinha brincado nela, mas eu ainda não conhecia ela assim. Pedro

Conhecer uma árvore, perceber seu ciclo no cotidiano, assim como observar uma semente germinar e relacionar esse processo com o próprio crescimento, foram algumas das aprendizagens do nosso grupo.

As raízes aparecem nas plantas para elas crescerem mais. A raiz, ela faz a flor, faz crescer, e a planta segura a flor. Gael

O sangue das árvores... É seiva o nome dele. Nicolau

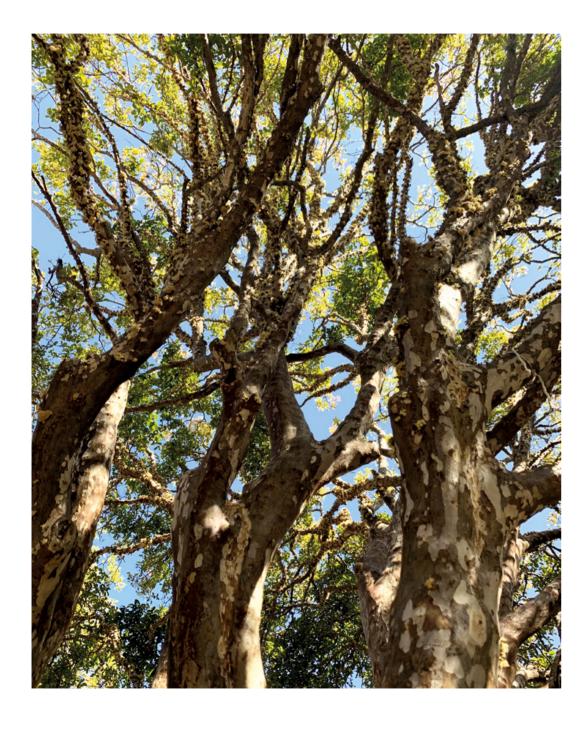
Parece sangue de verdade. Igual ao que a gente tem. Manuela

Um olhar de corpo inteiro, que cheira, abraça e sente a textura.

Nesse conhecer, a linguagem do desenho lhes possibilitou traçarem linhas e, também, criarem hipóteses sobre os acontecimentos naturais. A raiz que faz com que a planta cresça mais, a seiva que funciona como o sangue e o desenho que não cabe no papel levam as crianças a criarem novas soluções gráficas. Ao pintarem com aquarela, elas aprofundaram a pesquisa, quando precisaram lidar com nuances de cor, preenchimento e textura.

Cada uma das crianças pôde estabelecer seu jeito próprio de se relacionar e pensar sobre aquilo que observava, em uma ação simultânea na qual o objeto também se revelava para elas.

Eu gosto de olhar as árvores para fazer elas. É um outro tipo de desenho. É um desenho das coisas que existem. Você olha para a coisa e desenha ela. Antonio





 $^{\circ}$



COMPOR E DECOMPOR

As linguagens em movimento na Educação Infantil do Vera

Exposição-Ateliê da Educação Infantil – 2022

Educação Infantil – G1 a G4



DIREÇÃO GERAL Heitor Fecarotta

DIREÇÃO DE GESTÃO Marcelo Chulam

DIREÇÃO PEDAGÓGICA Regina Scarpa

COORDENAÇÃO Fabiana Meirelles

ORIENTAÇÃO Carolina Kerr Lícia Breim Luciana Cabral Silvia Macul

COORDENAÇÃO DE ÁREA Ricardo Lobo



EDIÇÃO Claudia Cavalcanti

REVISÃO Iara Arakaki

PROJETO GRÁFICO Juliana Lopes

São Paulo, junho de 2023

